

LUCINDA
RILEY

A SALA DAS
BORBOLETAS



ARQUEIRO

A SALA DAS
BORBOLETAS

Título original: *The Butterfly Room*

Copyright © 2019 por Lucinda Riley

Copyright da tradução © 2019 por Editora Arqueiro Ltda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

tradução: Alves Calado

preparo de originais: Beatriz D'Oliveira

revisão: Flávia Midori e Tereza da Rocha

diagramação: Valéria Teixeira

adaptação de capa: Gustavo Cardozo

imagens de capa: © Alison Archinuk/ Trevillion Images (fundo);

© Shutterstock (borboletas)

impressão e acabamento: Bartira Gráfica

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

R43s Riley, Lucinda

A sala das borboletas / Lucinda Riley; tradução de Alves Calado.

São Paulo: Arqueiro, 2019.

496 p.; 16 x 23 cm.

Tradução de: The butterfly room

ISBN 978-85-306-0049-5

1. Ficção americana. I. Calado, Alves. II. Título.

19-59720

CDD: 813

CDU: 82-3(73)

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

Para minha sogra, Valerie, com amor

Posy



Almirante-vermelho
(Vanessa atalanta)

*Admiral House
Southwold, Suffolk*

Junho de 1943

– Lembre, querida, você é uma fada, flutuando em silêncio pelo gramado com asas diáfanas, pronta para capturar a presa em sua rede de seda. Olhe! – sussurrou ele em meu ouvido. – Ali, na beira da folha. Agora. Voe!

Como ele havia me ensinado, fechei os olhos por alguns segundos e fiquei na ponta dos pés, imaginando que eles saíam do chão. Então senti a mão de papai me dar um suave empurrão. Abri os olhos e focalizei o par de asas azul-jacinto, então voei os dois passos necessários para lançar minha rede ao arbusto de budleia onde a grande-borboleta-azul estava empoleirada.

A agitação do ar quando a rede cercou o alvo alertou a borboleta, que abriu as asas se preparando para voar. Mas era tarde demais, porque eu, Posy, a Princesa das Fadas, a havia capturado. Ela não sofreria nenhum mal, claro, seria apenas levada para que Lawrence, o Rei do Povo Mágico – que também era meu pai –, a estudasse, então seria solta depois de desfrutar de uma grande tigela do melhor néctar.

– Minha Posy é tão esperta! – disse papai enquanto eu voltava por entre as folhagens e lhe entregava a rede, orgulhosa.

Ele estava agachado, de modo que nossos olhos – que todo mundo dizia serem tão parecidos – se encontraram em um orgulho e um deleite compartilhados.

Eu o vi baixar a cabeça para examinar a borboleta, que permanecia completamente imóvel, as patas minúsculas agarradas à prisão da rede branca. O cabelo de papai tinha a cor de mogno escuro, e o óleo que ele usava para arrumá-lo o fazia brilhar ao sol como o tampo da comprida mesa de jantar

depois que Daisy a lustrava. Também tinha um aroma maravilhoso: o cheiro dele, de tranquilidade, porque ele era o “lar” e eu o amava mais do que qualquer coisa nos meus mundos, tanto o humano quanto o das fadas. Eu também amava mamãe, claro. Só que, apesar de ela ficar em casa na maior parte do tempo, eu não sentia que a *conhecia* tão bem quanto conhecia papai. Ela passava muitas horas em seu quarto, com uma coisa chamada enxaqueca, e ao sair parecia sempre ocupada demais para ficar comigo.

– Esta aqui é formidável, minha querida! – disse papai, erguendo os olhos para me encarar. – Uma verdadeira raridade por estas bandas, e sem dúvida é de linhagem nobre.

– Será que é um príncipe das borboletas?

– Pode muito bem ser – concordou papai. – Precisamos tratá-lo com o máximo respeito, como exige seu status real.

– Lawrence, Posy... almoço! – gritou uma voz para além da folhagem.

Papai ergueu o corpo acima do arbusto de budleia e acenou através do gramado para o terraço da Admiral House.

– Estamos indo, amor! – gritou ele bem alto, já que estávamos a certa distância.

Observei seus olhos se franzirem em um sorriso ao ver a esposa: minha mãe, que era, mesmo sem saber, a Rainha do Povo Mágico. Essa era uma brincadeira que somente papai e eu compartilhávamos.

Atravessamos o gramado de mãos dadas, sentindo o cheiro da grama recém-cortada, que eu associava a dias felizes no jardim: os amigos de mamãe e papai com champanhe em uma das mãos, taco de croquet na outra, o ruído seco de uma bola disparando pelo retângulo de grama que papai aparava para aquelas ocasiões...

Esses dias felizes vinham acontecendo com menos frequência desde o início da guerra, o que tornava as lembranças ainda mais preciosas. A guerra também deixara meu pai manco, de modo que andávamos bem devagar, o que para mim era ótimo, porque significava que ele era todo meu por mais tempo. Ele agora estava muito melhor do que quando voltara do hospital. Naquela época, ele ficava em uma cadeira de rodas, como um velho, e seus olhos também pareciam cansados. Mas com os cuidados de mamãe e Daisy, e eu me esforçando ao máximo para ler livros de histórias para ele, papai progrediu depressa. Agora não precisava nem de bengala para andar, a não ser que fosse além dos limites da propriedade.

– Bom, Posy, corra para dentro e lave as mãos e o rosto. Diga à sua mãe que vou acomodar nosso novo hóspede – disse ele, gesticulando com a rede quando chegamos aos degraus que levavam ao terraço.

– Sim, papai – respondi enquanto ele se virava para atravessar o gramado e desaparecia através de uma alta cerca viva.

Estava indo para o Torreão, que, com seus tijolos amarelos de areia, era o mais perfeito castelo para o povo das fadas e suas amigas borboletas. Papai realmente passava um bocado de tempo lá. Sozinho. Eu só tinha permissão de espiar a sala redonda postada atrás da porta da frente – um lugar muito escuro que cheirava a meias mofadas –, quando mamãe pedia que eu o chamasse para o almoço.

A sala do primeiro andar era onde ele mantinha seu “equipamento de ar livre”, como o chamava: raquetes de tênis largadas junto de tacos de críquete e galochas enlameadas. Eu nunca fora convidada para subir a escada em caracol que ia até o topo (sabia disso porque a tinha subido secretamente quando papai foi chamado por mamãe para atender um telefonema em casa). Foi muito frustrante descobrir que ele havia trancado a grande porta de carvalho que me recebeu lá em cima. Apesar de eu girar a maçaneta com toda a força de minhas mãozinhas, ela não cedeu. Eu sabia que, diferentemente da sala de baixo, havia muitas janelas naquele cômodo, porque dava para vê-las pelo lado de fora. O Torreão me lembrava um pouco o farol em Southwold, só que ele tinha uma coroa dourada no topo em vez de uma luz muito forte.

Enquanto subia os degraus para o terraço, dei um suspiro feliz olhando as lindas paredes de tijolo vermelho-claro da casa principal, com suas fileiras de janelas de guilhotina emolduradas por ramos de glicínia verde-lima. Notei que a velha mesa de ferro fundido, agora de um tom mais verde do que o preto original, estava sendo arrumada para o almoço. Havia apenas três conjuntos de pratos e copos, o que significava que seríamos só nós, algo muito incomum. Pensei em como seria bom ter mamãe e papai só para mim. Entrei em casa pela ampla porta da sala de estar, passei entre os sofás de seda adamsada que rodeavam a enorme lareira de mármore – tão grande que no ano anterior Papai Noel tinha conseguido descer por ela com uma bicicleta vermelha e brilhante – e segui pelo labirinto de corredores que levavam ao banheiro do térreo. Fechei a porta e usei as duas mãos para abrir a torneira de prata, depois as lavei meticulosamente. Fiquei na

ponta dos pés para olhar meu reflexo no espelho e procurei alguma sujeira no rosto. Mamãe era muito exigente com a aparência – papai dizia que era por causa de sua ascendência francesa –, e aí de qualquer um de nós se não chegássemos imaculados à mesa!

Mas nem ela era capaz de controlar os cachos castanhos que viviam escapando das minhas tranças apertadas, aparecendo na nuca e se esgueirando para fora das presilhas que tentavam ao máximo deixar os fios longe da minha testa. Certa noite, enquanto papai me colocava para dormir, perguntei se poderia pegar emprestado um pouco de seu óleo de cabelo, achando que poderia ajudar, mas ele apenas riu e enrolou um dos meus cachos no dedo.

– Nada disso. Eu adoro seus cachos, querida, e, se dependesse de mim, eles ficariam livres para voar pelos seus ombros todo dia.

Enquanto voltava pelo corredor, desejei de novo ter o cabelo liso e louro de mamãe. Era da cor do chocolate branco que ela servia com café depois do jantar. Meu cabelo era mais café com leite, ou pelo menos era o que mamãe dizia; para mim, era marrom-ratazana.

– Aí está você, Posy – disse mamãe quando cheguei ao terraço. – Onde está seu chapéu?

– Ah, devo ter deixado no jardim quando papai e eu fomos pegar borboletas.

– Quantas vezes já falei que seu rosto vai ficar queimado e você vai acabar enrugada feito uma ameixa velha? – censurou ela enquanto eu me sentava. – Você vai parecer ter 60 anos quando tiver 40.

– Sim, mamãe – concordei, pensando que, de qualquer modo, aos 40 anos eu já seria tão velha que nem me importaria.

– Como está minha outra garota predileta neste dia lindo?

Papai apareceu no terraço e tomou minha mãe nos braços, fazendo-a derramar água da jarra que ela segurava na pedra verde do piso.

– Cuidado, Lawrence! – repreendeu mamãe com a testa franzida, antes de se soltar e colocar a jarra na mesa.

– Este não é um dia maravilhoso para se estar vivo? – Ele sorriu enquanto se sentava à minha frente. – E parece que o tempo estará ótimo no fim de semana para a nossa festa.

– Vamos ter uma festa? – perguntei enquanto mamãe se sentava ao lado dele.

– Vamos, sim, querida. Disseram que estou em condições de retomar o serviço, por isso sua mãe e eu decidimos festejar enquanto podemos.

Meu coração falhou uma batida enquanto Daisy, nossa empregada faz-tudo desde que os outros tinham ido servir na guerra, trazia a carne e os rabanetes. Eu odiava rabanetes, mas era tudo que havia da horta naquela semana, já que a maioria dos alimentos plantados ali precisava ir para a guerra também.

– Quanto tempo você vai ficar fora, papai? – perguntei em uma voz baixa e tensa, porque de repente havia um grande bolo na minha garganta.

Parecia que tinha entalado um rabanete ali, e eu soube que logo estaria chorando.

– Ah, não deve ser por muito mais tempo. Todo mundo sabe que os alemães estão condenados, mas eu preciso dar um último empurrãozinho. Não posso desapontar meus colegas, não é?

– É, papai – consegui falar em tom embargado. – Você não vai se machucar de novo, vai?

– Ele não vai, *chérie*. Seu papai é indestrutível, não é, Lawrence?

Vi minha mãe sorrir para ele, tensa, parecendo tão preocupada quanto eu.

– Sou, meu amor. – Ele segurou a mão dela e a apertou com força. – Claro que sou.



– Papai? – chamei durante o café da manhã do dia seguinte, mergulhando minha torrada no ovo mole. – Hoje está bem quente, podemos ir à praia? Faz muito tempo que a gente não vai.

Vi papai lançar um olhar para mamãe, mas ela estava lendo suas cartas enquanto tomava o *café au lait* e não pareceu notar. Mamãe sempre recebia um monte de cartas da França, todas escritas em papel muito fino, mais fino do que uma asa de borboleta, o que combinava com ela, porque tudo em mamãe era delicado.

– Papai? A praia.

– Querida, infelizmente a praia não está boa para brincadeiras. Está cercada de arame farpado e cheia de minas. Você se lembra de quando expliquei o que aconteceu em Southwold no mês passado?

– Lembro.

Olhei para meu ovo e estremei, recordando como Daisy tinha me carregado para o abrigo Anderson (que pensei se chamar assim porque esse era o nosso sobrenome. Fiquei muito confusa quando Mabel disse que sua família também tinha um abrigo Anderson, já que o sobrenome dela era Price). Parecera que o céu estava iluminado por trovões e relâmpagos, mas em vez de ter sido Deus que os mandara, papai disse que fora Hitler. No abrigo ficamos todos amontoados e papai disse que devíamos fingir que éramos uma família de ouriços e que eu devia me enrolar como um ouricinho. Mamãe ficou bem chateada porque ele me chamou de ouricinho, mas foi isso que eu fingi ser, encolhida embaixo da terra enquanto os humanos se matavam lá em cima. Depois de um tempo aqueles sons terríveis pararam. Papai disse que podíamos voltar para cama, mas eu fiquei triste porque tive que ir sozinha para a minha cama humana em vez de continuarmos todos juntos na nossa toca.

Na manhã seguinte encontrei Daisy chorando na cozinha, mas ela não quis dizer por quê. Naquele dia a carroça do leite não tinha vindo, e depois mamãe falou que eu não iria à escola porque a escola não existia mais.

– Como assim, não existe mais, mãe?

– Uma bomba caiu nela, *chérie* – respondeu mamãe, soltando a fumaça do cigarro.

Ela estava fumando agora também, e às vezes eu me preocupava pensando que ela ia pôr fogo nas cartas porque as segurava muito perto do rosto enquanto lia.

– E nossa cabana de praia? – perguntei a papai.

Eu amava nossa cabaninha: era pintada de amarelo-manteiga e ficava bem no final da orla, de modo que, se olhássemos de certo ângulo, podíamos fingir que éramos as únicas pessoas na praia por quilômetros. Mas, se virássemos para o outro lado, víamos que não estávamos muito longe do gentil vendedor de sorvete do píer. Papai e eu sempre fazíamos castelos de areia muito elaborados, com torres e fossos, de tamanho suficiente para que todos os caranguejinhos morassem ali, caso decidissem se aproximar. Mamãe jamais ia à praia; dizia que era “arenosa demais”. Eu achava que isso era como dizer que o oceano era molhado demais.

Sempre que íamos havia um velho com chapéu de aba larga andando devagar pela orla, cutucando a areia com uma bengala comprida, mas

diferente da que papai usava para caminhar. O homem segurava uma sacola grande e de vez em quando parava e começava a cavar.

– O que ele está fazendo, papai?

– Ele é um rato de praia, querida. Passa pente-fino na areia, procurando coisas que possam ter sido jogadas dos navios ou que o mar trouxe de lugares distantes.

– Ah, entendi – falei, mas o homem não tinha nenhum tipo de pente, muito menos um igual ao que Daisy passava no meu cabelo toda manhã. – Você acha que ele vai encontrar algum tesouro escondido?

– Com certeza. Se ele cavar o suficiente, vai acabar encontrando alguma coisa.

Observei, cada vez mais empolgada, enquanto o homem tirava algo do buraco e espanava a areia, mas vi que era apenas um velho bule esmaltado.

– Que decepção! – disse, suspirando.

– Lembre, querida: o lixo de uma pessoa pode ser o tesouro de outra. Talvez todos sejamos ratos de praia, de algum modo. – Papai franziu os olhos na direção do sol. – Ficamos procurando, esperando encontrar enterrado um tesouro que vá enriquecer nossa vida. E quando encontramos um bule em vez de uma joia reluzente, precisamos continuar.

– Você ainda está procurando um tesouro, papai?

– Não, minha Princesa das Fadas, já encontrei.

Ele sorriu e beijou o topo da minha cabeça.



Depois de muita insistência, papai acabou cedendo e decidiu me levar até um rio para nadar. Daisy me ajudou a vestir a roupa de banho e enfiou um chapéu sobre meu cabelo cacheado, então entrei no carro de papai. Mãe estava ocupada demais preparando a festa do dia seguinte, mas acabei achando bom, porque então o Rei do Povo Mágico e eu podíamos receber todas as criaturas do rio em nossa corte.

– Lá tem lontras? – perguntei enquanto ele seguia na direção oposta ao mar, passando pelos campos verdes.

– É preciso ficar muito quieta para ver as lontras. Você consegue, Posy?

– Claro!

Seguimos por um longo tempo antes que eu visse o rio azul serpenteando

atrás dos juncos. Ele parou o carro e caminhamos até a margem, papai carregando todos os nossos equipamentos científicos: uma máquina fotográfica, redes para pegar borboletas, potes de vidro, limonada e sanduíches de carne enlatada.

Libélulas roçavam a superfície da água, desaparecendo rapidamente quando entrei espadanando. A água estava deliciosamente fria, mas minha cabeça pinicava de calor embaixo do chapéu, por isso eu o joguei na margem, onde papai também já estava de roupa de banho.

– Com todo esse barulho, qualquer lontra que estivesse aqui certamente saiu correndo – disse papai, entrando na água, que mal chegava a seus joelhos, de tão alto que ele era. – Veja essas plantas aquáticas. Vamos levar um pouco para casa, para a nossa coleção?

Juntos enfiamos a mão na água e puxamos uma das flores amarelas, revelando as raízes bulbosas. Havia um monte de insetos morando nela, por isso enchemos um vidro com água e depois colocamos o espécime dentro, para preservá-lo.

– Você se lembra do nome latino, querida?

– U-tri-cu-la-ria! – respondi, orgulhosa, saindo da água e me sentando ao lado dele no capim da margem.

– Menina inteligente. Quero que você prometa que vai continuar aumentando nossa coleção. Se vir uma planta interessante, preense, como eu mostrei. Afinal de contas, vou precisar de ajuda com meu livro enquanto estiver longe, Posy.

Ele me entregou um sanduíche tirado da cesta de piquenique e eu o peguei, tentando parecer muito séria e científica. Queria que papai soubesse que podia confiar seu trabalho a mim. Antes da guerra, ele fora uma coisa chamada botânico e passara quase a minha vida inteira escrevendo seu livro. Frequentemente se trancava no Torreão para “pensar e escrever”. Às vezes trazia o livro para a casa e me mostrava alguns desenhos que tinha feito.

Eram maravilhosos. Ele explicou que o livro era sobre o habitat onde morávamos e havia lindas ilustrações de borboletas, insetos e plantas. Uma vez papai me contou que, se uma coisinha mudasse, tudo poderia se desequilibrar.

– Veja esses mosquitos, por exemplo – comentara papai, apontando para uma irritante nuvem de insetos em uma noite quente de verão. – Eles são fundamentais para o ecossistema.

– Eles picam a gente – falei, afastando um com um tapa.
– É a natureza deles, sim. – Ele riu. – Mas, sem eles, muitas espécies de pássaros não teriam uma fonte constante de alimento e sua população despencaria. E se as populações de pássaros forem afetadas, isso repercutirá no resto da cadeia alimentar. Sem os pássaros, outros insetos, como os gafanhotos, teriam de repente menos predadores e continuariam se multiplicando e comendo todas as plantas. E sem as plantas...

– Não haveria comida para todos os *herbívoros*.

– Herbívoros. É. Então veja só: tudo está em um equilíbrio delicado. E o bater das asas de uma borboleta pode fazer toda a diferença no mundo.

Pensei nisso naquele momento, mastigando o sanduíche.

– Tenho uma coisa especial para você – disse papai, enfiando a mão na sua mochila, de onde tirou uma lata brilhante e me entregou.

Abri-a e vi dezenas de lápis perfeitamente apontados, em todas as cores do arco-íris.

– Enquanto eu estiver longe, você deve continuar com seus desenhos, e quando eu voltar você me mostra quanto melhorou.

Assenti, feliz demais com o presente para falar.

– Quando estudei em Cambridge, fui ensinado a realmente olhar o mundo. Muitas pessoas andam por aí cegas à beleza e à magia que existe em volta. Você não, Posy, você já vê as coisas de um jeito melhor do que a maioria. Quando desenhamos a natureza, começamos a entendê-la, podemos ver todas as suas partes e como elas se unem. Ao desenhar e examinar o que vê, *you* pode ajudar outras pessoas a entender o milagre da natureza.



Quando chegamos em casa, Daisy me deu uma bronca por ter molhado o cabelo e me enfiou na banheira, o que achei que não fazia sentido, já que ia molhar meu cabelo todo de novo. Assim que Daisy me pôs na cama, saiu e fechou a porta, eu me levantei e peguei meus novos lápis de cor, acariciando as pontas macias e finas. Pensei que, se praticasse bastante, quando papai voltasse da guerra eu poderia mostrar que era boa o suficiente para estudar em Cambridge também. Mesmo sendo menina.

Na manhã seguinte, olhei da janela do quarto os carros que começavam a chegar pela nossa estradinha. Todos estavam lotados; eu tinha

ouvido mamãe dizer que todos os seus amigos haviam juntado os cupons de gasolina para fazer a viagem desde Londres. Na verdade, ela os chamava de “émigrés”, e eu sabia que significava “emigrantes”, pois ela falava francês comigo desde que eu era bebê. O dicionário dizia que emigrante era uma pessoa que se mudava do país natal para outro. Segundo mamãe, parecia que Paris inteira tinha se mudado para a Inglaterra, querendo escapar da guerra. Eu sabia que isso não era verdade, claro, mas nas festas sempre parecia haver mais amigos franceses dela do que os ingleses de papai. Eu não me incomodava, porque eles eram muito elegantes: os homens com suas echarpes lustrosas e paletós de cores vivas, e as mulheres com vestidos de cetim e batom vermelho. E o melhor de tudo: sempre me traziam presentes, de modo que parecia o Natal.

Papai os chamava de “boêmios”, que segundo o dicionário eram pessoas criativas, como artistas, músicos e pintores. Mamãe tinha sido cantora em uma famosa boate de Paris e eu adorava ouvir sua voz, que era densa e fluía como chocolate derretido. Ela não sabia que eu ficava escutando, claro, porque deveria estar dormindo, mas sempre que havia uma festa em casa, era impossível dormir. Por isso eu descia a escada de fininho e ouvia a música e as conversas. Nessas noites, era como se mamãe ganhasse vida, como se nos intervalos entre as festas ela fingisse ser uma boneca inanimada. Eu adorava ouvir sua risada, porque, quando estávamos sozinhas, ela não costumava rir muito.

Os amigos de papai também eram simpáticos, mas todos pareciam se vestir do mesmo jeito, em azul-marinho e marrom, por isso era difícil diferenciá-los. Meu padrinho, Ralph, o melhor amigo de papai, era meu predileto; eu o achava muito bonito, com o cabelo escuro e grandes olhos castanhos. Em um dos meus livros, o príncipe beijava a Branca de Neve para acordá-la. Ralph era igual a ele. E também tocava piano lindamente: antes da guerra, tinha sido concertista (antes da guerra, todo adulto que eu conhecia tinha sido outra coisa, menos Daisy, nossa empregada). Tio Ralph tinha alguma doença que o impedia de lutar ou pilotar aviões. O trabalho dele era o que os adultos chamavam de “ficar atrás de uma mesa”, embora eu não conseguisse imaginar o que mais poderiam fazer com mesas a não ser sentar-se atrás delas. Quando papai estava longe pilotando seus Spitfires, tio Ralph vinha visitar mamãe e eu, o que nos animava bastante. Ele chegava para o almoço de domingo e depois tocava piano

para a gente. Havia pouco tempo eu percebera que papai estivera longe, na guerra, durante quatro dos meus sete anos neste planeta, o que devia ser péssimo para mamãe, tendo apenas eu e Daisy como companhia.

Sentei-me no meu banco junto à janela e estiquei o pescoço para observar mamãe recebendo os convidados nos largos degraus que levavam à porta de entrada, lá embaixo. Ela estava linda, em um vestido azul-escuro que combinava com seus belos olhos. E quando papai se juntou a ela, passando o braço por sua cintura, fiquei muito feliz mesmo. Daisy chegou para me ajudar a pôr o vestido novo que ela fizera usando um par de velhas cortinas verdes. Enquanto ela escovava meu cabelo e prendia apenas parte dele para trás com uma fita também verde, decidi não pensar que papai iria embora no dia seguinte e que um silêncio igual ao que se faz antes da tempestade baixaria sobre a Admiral House e sobre nós, suas moradoras.

– Pronta para descer, Posy? – perguntou Daisy.

Vi que ela estava corada, suando e parecendo muito cansada, provavelmente porque fazia muito calor e Daisy tinha preparado sozinha comida para todas aquelas pessoas. Dei-lhe meu sorriso mais doce.

– Estou, Daisy.



Meu nome de verdade não era Posy; eu tinha sido batizada em homenagem à minha mãe, Adriana. Como seria complicado demais nós duas atendermos ao mesmo nome, decidiram usar meu segundo nome, Rose, dado em homenagem à minha avó inglesa. Daisy me contou que papai começou a me chamar de Rosy Posy quando eu era bebê, um “buquê de rosas”, e em algum momento o apelido pegou. Eu achava ótimo, porque pensava que tinha muito mais a ver comigo do que qualquer um dos meus nomes verdadeiros.

Alguns parentes mais velhos de papai ainda me chamavam de Rose. E eu atendia, claro, porque tinha sido ensinada a sempre responder com educação aos adultos. Mas na festa todo mundo me conhecia como Posy. Fui abraçada e beijada e recebi embrulhinhos de doces amarrados com fita. Os amigos franceses de mamãe me davam mais amêndoas açucaradas, das quais eu não gostava muito, na verdade, mas sabia como era difícil arranjar chocolate por causa da guerra.

Sentada junto à comprida mesa de cavaletes posta no terraço para acomodar todos, sentindo o sol bater no topo do chapéu (que só me deixava com mais calor) e ouvindo a conversa ao redor, desejei que todos os dias na Admiral House pudessem ser assim: mamãe e papai sentados juntos no centro, como um rei e uma rainha recebendo a corte, o braço dele em volta dos pálidos ombros dela. Os dois pareciam tão incrivelmente felizes que senti vontade de chorar.

– Você está bem, Posy querida? – perguntou tio Ralph, sentado perto de mim. – Está fazendo um tremendo calor aqui fora – acrescentou ele, tirando um lenço branco imaculado do bolso do paletó e enxugando a testa.

– Estou bem, tio Ralph. Eu estava pensando como a mamãe e o papai parecem felizes hoje. E como é triste ele ter que voltar para a guerra.

– É.

Olhei Ralph observando meus pais e pensei que ele também tinha um semblante triste.

– Bom, se tudo correr bem, a guerra vai acabar logo – disse ele depois de um tempo. – E todos vamos poder seguir a vida.



Depois do almoço me deixaram jogar um pouco de croquet, o que fiz surpreendentemente bem, na certa porque a maioria dos adultos tinha bebido um bocado de vinho e jogava a bola de qualquer jeito. Ouvira papai dizer mais cedo que ia esvaziar o resto da adega para a ocasião, e parecia que a maior parte já fora consumida pelos convidados. Eu não entendia por que os adultos gostavam de se embriagar; para mim eles só ficavam mais barulhentos e bobos, mas talvez eu entendesse quando fosse adulta. Enquanto avançava pelo gramado na direção da quadra de tênis vi um homem com os braços em volta de duas mulheres, embaixo de uma árvore. Os três dormiam a sono solto. Alguém tocava saxofone sozinho no terraço e eu achei ótimo não termos vizinhos por perto.

Eu sabia que tinha sorte em morar na Admiral House. Quando comecei a estudar na escola do povoado e fui convidada para tomar chá com Mabel, uma colega, fiquei pasma ao descobrir que a família dela morava em uma casa onde a porta da frente dava direto para a sala de estar. Havia uma cozinha minúscula nos fundos e um banheiro *do lado de fora!* Mabel

tinha quatro irmãos e todos dormiam no mesmo quarto pequeno, no andar de cima. Foi a primeira vez que percebi que eu era de família rica, que nem todo mundo morava em uma casa grande com um jardim enorme, e foi um tremendo choque. Quando Daisy foi me buscar, perguntei por que era assim.

– É como rolam os dados, Posy – disse Daisy em seu delicado sotaque de Suffolk. – Algumas pessoas têm sorte, outras não.

Daisy gostava muito de seus ditados; metade do tempo eu não entendia o que ela queria dizer, mas fiquei feliz porque, ao rolarem, os “dados” tinham me colocado na pilha dos sortudos, e decidi que precisava rezar mais intensamente por todo mundo que não havia conseguido o mesmo.

Eu não tinha certeza se minha professora, a Srta. Dansart, gostava muito de mim. Mesmo que encorajasse todo mundo a levantar a mão se soubesse responder às perguntas, eu parecia ser sempre a primeira a fazer isso. Ela revirava os olhos de leve e seus lábios se crispavam de forma engraçada enquanto ela dizia, com voz cansada:

– Sim, Posy.

Uma vez a ouvi conversando com outra professora no pátio enquanto eu girava a ponta de uma corda de pular ali perto.

– Filha única... criada na companhia de adultos... precoce...

Quando cheguei em casa, procurei “precoce” no dicionário. E depois disso parei de levantar a mão, mesmo que a resposta queimasse em minha garganta.



Às seis horas todo mundo despertou e foi trocar de roupa para o jantar. Entrei na cozinha, onde Daisy indicou meu prato.

– Pão e geleia para você esta noite, Srta. Posy. Preciso cuidar de dois salmões que o Sr. Ralph trouxe e estou igual a um peixe fora d’água: não tenho ideia do que fazer.

Daisy riu da própria piada e de repente senti pena por ela precisar trabalhar tanto o tempo todo.

– Quer ajuda?

– As duas filhas de Marjory vão vir do povoado para arrumar a mesa e servir esta noite. Vou ficar bem. Obrigada por perguntar – disse ela, sorrindo. – Você é uma boa menina.

Quando terminei de comer, saí da cozinha antes que Daisy pudesse me mandar dormir. Era uma noite linda, eu queria sair e aproveitá-la. Ao chegar ao terraço, vi que o sol estava pairando logo acima dos carvalhos, lançando feixes de luz cor de manteiga no gramado. Os pássaros continuavam a cantar, como se ainda fosse meio-dia, e estava quente a ponto de eu não precisar de casaco. Sentei-me nos degraus, alisando o vestido de algodão sobre os joelhos e examinando uma almirante-vermelho pousada em uma planta do canteiro que se esticava até o jardim. Eu sempre havia pensado que o nome da nossa casa era por causa das borboletas que pairavam tão lindas sobre os arbustos, as “*red admirals*”. Fiquei muito chateada quando mamãe contou que o nome era em homenagem ao meu tata-tata-tata (acho que eram três “tatas” ou talvez quatro) tataravô, que foi almirante da Marinha – o que nem de longe era tão romântico.

Apesar de papai ter dito que as almirantes-vermelhos eram “comuns” naquela área, eu achava que eram as borboletas mais bonitas de todas, com suas vibrantes asas vermelhas e pretas e as manchas brancas nas beiradas, que me lembravam a pintura nos Spitfires que papai pilotava. Esse pensamento me deixou triste porque *também* me lembrou de que no dia seguinte ele ia embora de novo, para pilotá-los.

– Olá, querida, o que está fazendo aqui fora sozinha?

O som da voz de papai me fez dar um pulo, porque eu tinha acabado de pensar nele. Levantei os olhos e o vi atravessar o terraço na minha direção, fumando um cigarro que ele jogou no chão e pisou para apagar. Ele sabia que eu odiava o cheiro.

– Não diga a Daisy que você me viu, está bem, papai? Senão ela vai me mandar direto para a cama – falei apressadamente enquanto ele se sentava no degrau ao meu lado.

– Prometo. Além disso, ninguém deveria estar na cama em uma noite celestial como esta. Acho que junho é o melhor mês na Inglaterra; toda a natureza se recuperou do longo sono do inverno, se espreguiçou, bocejou e abriu as folhas e as flores para nós, humanos, aproveitarmos. Em agosto a energia já se esgotou no calor e tudo está pronto para dormir de novo.

– Como a gente, papai. No inverno, fico feliz de ir para cama.

– Exatamente, querida. Nunca se esqueça de que estamos indissolivelmente ligados à natureza.

– A Bíblia diz que Deus fez tudo que há na Terra – falei, cheia de importância, tendo aprendido isso nas aulas de religião.

– De fato, mas acho difícil acreditar que ele conseguiu fazer isso em apenas sete dias.

Ele deu um risinho.

– É magia, não é? Igual ao Papai Noel entregando presentes para todas as crianças do mundo em uma noite só.

– É, sim, Posy, claro que é. O mundo é um lugar mágico e todos devemos nos considerar sortudos por viver nele. Jamais se esqueça disso, está bem?

– Está bem. Papai?

– Oi, Posy.

– A que horas você vai embora amanhã?

– Preciso pegar o trem depois do almoço.

Baixei os olhos para meus sapatos de verniz pretos.

– Estou com medo de que você se machuque de novo.

– Não precisa ter medo, querida. Como sua mãe disse, eu sou indestrutível. Ele sorriu.

– Quando você vai voltar para casa?

– Assim que receber licença, o que não deve demorar muito. Cuide da sua mãe enquanto eu estiver fora, está bem? Sei que ela fica triste quando está sozinha aqui.

– Eu sempre tento, pai. Ela só fica triste porque te ama e sente sua falta.

– É. E, meu Deus, Posy, como eu a amo. Pensar nela, e em você, é tudo que me sustenta quando estou voando. Não fazia muito tempo que estávamos casados quando esta maldita guerra começou, sabe.

– Depois que você a ouviu cantando na boate em Paris e se apaixonou por ela na mesma hora, e depois a levou para a Inglaterra para se casarem antes que ela pudesse mudar de ideia – falei em um tom sonhador.

A história de amor dos meus pais era muito melhor do que qualquer uma dos meus livros de contos de fadas.

– É. É o amor que faz a magia acontecer na vida, Posy. Mesmo no dia mais sem graça, nas profundezas do inverno, o amor pode fazer o mundo se iluminar e parecer lindo como agora.

Papai soltou um suspiro profundo, então segurou minha mão.

– Prometa que, quando encontrar o amor, você vai se agarrar a ele e não vai soltar nunca mais.

– Prometo, papai – comentei, olhando-o, séria.

– Boa menina. Agora preciso me trocar para o jantar.

Ele deu um beijo no topo dos meus cachos, levantou-se e voltou para dentro de casa.

Claro que na ocasião eu não sabia, mas aquela foi a última conversa de verdade que tive com o meu pai.



Papai foi embora na tarde seguinte, e todos os convidados também. Naquela noite fez muito calor e o ar parecia denso e pesado quando a gente respirava, como se todo o oxigênio tivesse sido sugado dele. A casa ficou silenciosa: Daisy tinha saído em sua folga semanal, para tomar chá com sua amiga Edith, de modo que não havia nem o som de sua voz resmungando ou cantando (eu preferia os resmungos) enquanto lavava a louça. E havia muita louça, ainda empilhada em bandejas na copa, esperando para ser lavada. Eu tinha me oferecido para ajudar com as taças, mas Daisy disse que eu daria mais trabalho do que valia a pena, o que achei bastante injusto.

Mamãe tinha ido para cama no minuto em que o último carro desapareceu atrás das castanheiras. Pelo jeito, estava com uma de suas enxaquecas, o que Daisy dizia ser uma palavra chique para ressaca, que eu não sabia o que era. Fiquei no meu quarto, encolhida no banco junto à janela, acima do pórtico na frente da Admiral House. Dessa forma, se alguém estivesse para chegar, eu seria a primeira a ver. Papai me chamava de sua “pequena vigia”, e desde que Frederick, o mordomo, tinha ido lutar na guerra, geralmente era eu que abria a porta de entrada.

Dali eu tinha uma visão perfeita da estradinha esculpida entre filas de castanheiras e carvalhos antigos. Papai me contara que algumas daquelas árvores haviam sido plantadas quase trezentos anos antes, quando o primeiro almirante construiu a casa. (Eu achava essa ideia fascinante, porque significava que as árvores viviam na Terra quase cinco vezes mais do que as pessoas, se a *Enciclopédia Britânica* da biblioteca estivesse certa e a média da expectativa de vida humana fosse de 61 anos para os homens e 67 para as mulheres.) Se eu forçasse a vista, em um dia claro podia ver uma fina linha azul-acinzentada acima das copas e abaixo do céu. Era o mar do Norte, que ficava a apenas 8 quilômetros da Admiral House. Dava medo

pensar que em poucos dias papai poderia estar voando sobre ele em seu aviãozinho.

– Volte em segurança, volte logo – sussurrei para as nuvens escuras que se comprimiam sobre o sol poente, a ponto de esmagá-lo como uma laranja suculenta (fazia *muito* tempo que eu não sentia o gosto de uma).

O ar estava parado e não havia brisa entrando pela minha janela aberta. Ouvi o ribombar de um trovão a distância e esperei que Daisy tivesse se enganado e que Deus não estivesse com raiva da gente. Eu nunca conseguia definir se Ele era o Deus raivoso de Daisy ou o Deus gentil do vigário. Talvez Ele fosse como um pai ou uma mãe, e pudesse ser as duas coisas ao mesmo tempo.

Quando as primeiras gotas de chuva caíram, logo se transformando em uma torrente enquanto riscos da fúria de Deus relampejavam no céu, esperei que papai tivesse chegado em segurança à sua base, caso contrário poderia ficar bem encharcado. Ou pior, ser acertado por um raio. Fechei a janela porque o parapeito estava ficando molhado, então percebi que minha barriga roncava quase tão alto quanto os trovões. Por isso desci as escadas e encontrei o pão com geleia que Daisy tinha deixado para o meu jantar.

Ao descer a larga escadaria de carvalho para ver o sombrio pôr do sol, pensei em como a casa estava silenciosa, comparada com o dia anterior, como se um enxame de abelhas falantes tivesse chegado e partido com a mesma rapidez. Mais um trovão rugiu, quebrando o silêncio, e decidi que era sorte eu não sentir medo do escuro, de trovões e de ficar sozinha.

– Ai, Posy, sua casa dá medo – dissera Mabel quando eu a convidei para tomar chá. – Olha esse monte de pinturas de gente morta, com roupas fora de moda! Eles me dão arrepios.

Ela estremeceu apontando para os quadros dos ancestrais dos Andersons, que ladeavam a escada.

– Eu ia ter muito medo de sair do quarto para ir ao banheiro de noite. Pode ter fantasmas.

– Eles são meus parentes de antigamente, e com certeza iam ser muito simpáticos se voltassem para dizer oi – respondi, chateada porque ela não adorou a Admiral House imediatamente como eu.

Agora, andando pelo saguão e pelo corredor cheio de ecos que levava à cozinha, eu não sentia nem um pouco de medo, apesar de estar muito escuro e de que mamãe, provavelmente ainda dormindo em seu quarto, nunca me ouviria se eu gritasse.

Eu sabia que estava em segurança, que nada de ruim poderia acontecer dentro das paredes robustas da casa.

Estendi a mão para ligar a luz da cozinha, mas pelo jeito não estava funcionando, por isso acendi uma vela que ficava na prateleira. Eu era boa em acender velas, porque a eletricidade na Admiral House, especialmente depois do início da guerra, não era confiável. Eu adorava o brilho suave e tremeluzente que só iluminava a área onde a gente estava e parecia fazer com que até mesmo a pessoa mais feia ficasse bonita. Peguei o pão que Daisy havia cortado para mim – eu tinha permissão de acender velas, mas era proibida de tocar nas facas afiadas – e passei uma camada grossa de manteiga e de geleia. Depois, já com um pedaço na boca, peguei o prato e a vela e voltei ao meu quarto, para contemplar a tempestade.

Sentei-me no banco da janela mastigando o pão com geleia e pensando em como Daisy se preocupava comigo quando saía para sua noite de folga. Ainda mais quando papai estava fora.

– Não é certo uma menina pequena ficar sozinha numa casa tão grande – resmungava ela.

Eu explicava que não ficaria sozinha, porque mamãe também estava ali, e, além disso, não era mais “pequena”, já tinha 7 anos, era bem grande.

– Humpf! – grunhia ela, tirando o avental e pendurando-o no gancho atrás da porta da cozinha. – Não importa o que sua mãe diga: se precisar dela, vá acordá-la.

– Pode deixar – respondia sempre, mas claro que nunca fiz isso, nem quando uma vez vomitei no chão e minha barriga estava doendo de verdade.

Eu sabia que mamãe ia ficar chateada se eu a acordasse, porque ela precisava dormir. De qualquer modo, eu não me importava de ficar sozinha; desde que papai tinha ido para a guerra estava acostumada com isso. Além do mais, tinha toda a coleção da *Enciclopédia Britânica* na biblioteca para ler. Eu tinha terminado os dois primeiros volumes, mas faltavam outros 22, que provavelmente me ocupariam até eu me tornar adulta.

Naquela noite, sem eletricidade, estava escuro demais para ler e a vela era só um cotoco, por isso fiquei olhando o céu, tentando não pensar em papai indo embora, caso contrário as lágrimas começariam a cair tão depressa quanto as gotas de chuva que batiam na janela.

Enquanto observava o lado de fora, um súbito clarão vermelho atraiu meu olhar no canto superior da janela.

– Ah! É uma borboleta! Uma almirante-vermelho!

Fiquei de pé no banco e vi que a coitadinha estava tentando se abrigar da tempestade embaixo do caixilho da janela. Eu precisava salvá-la, por isso abri com muito cuidado o trinco do painel de cima e estendi a mão para fora. Apesar de ela estar imóvel, demorei um tempo para prendê-la entre o indicador e o polegar, porque não queria danificar as asas frágeis firmemente fechadas, muito molhadas e escorregadias.

– Peguei você – sussurrei enquanto recolhia a mão, agora totalmente molhada, e fechava a janela com a outra, seca. – Bom, pequenina – disse enquanto a estudava pousada na palma da minha mão. – Como é que vou secar suas asas?

Pensei em como elas secariam se estivessem lá fora, na natureza, porque deviam se molhar o tempo todo.

– Uma brisa quente – falei, e comecei a soprá-las suavemente.

A princípio a borboleta não se mexeu. Quando eu achava que ia desmaiar de tanto ficar soprando, vi as asas estremecendo e se abrindo. Eu nunca tivera uma borboleta pousada na mão, por isso inclinei a cabeça e examinei a linda cor e o padrão intrincado na parte superior das asas.

– Você é linda mesmo. Bom, você não pode voltar lá para fora esta noite senão vai se afogar, então vou deixar você aqui no parapeito, para que veja suas amigas lá fora, e solto você amanhã de manhã, está bem?

Com muito cuidado, peguei a borboleta com a ponta dos dedos e a pousei no parapeito. Fiquei olhando-a por um tempo, imaginando se borboletas dormiam com as asas abertas ou fechadas. Mas àquela altura meus próprios olhos estavam se fechando, por isso puxei as cortinas para que a criaturinha não ficasse tentada a voar pelo quarto e não se prendesse ao teto. Eu jamais conseguiria pegá-la de novo se isso acontecesse, e durante esse tempo ela poderia morrer de fome ou de medo.

Peguei a vela, atravessei o quarto e subi na cama, satisfeita porque tinha conseguido salvar uma vida e pensando que talvez isso fosse um bom preságio de que papai não ia se machucar de novo daquela vez.

– Boa noite, borboleta. Durma bem até de manhã – sussurrei, soprando a vela e caindo no sono.



Quando acordei, vi feixes de luz que atravessavam o teto, vindos das frestas das cortinas. Eram dourados, o que significava que o sol já havia nascido. Lembrei-me da borboleta, desci da cama e abri a cortina cuidadosamente.

– Ah!

Prendi a respiração ao ver minha borboleta de asas fechadas e caída de lado, com as patinhas para o alto. Como a parte de baixo das asas era majoritariamente marrom-escura, ela mais parecia uma mariposa grande morta. Lágrimas brotaram nos meus olhos quando a toquei, só para conferir, mas ela não se mexeu, por isso eu soube que sua alma já estava no céu. Talvez eu a tivesse matado quando não a libertei na noite anterior. Papai sempre dizia que era preciso soltá-las rapidamente. E, apesar de ela não ter sido posta em um pote de vidro, tinha estado dentro de casa. Ou talvez tivesse morrido de pneumonia ou bronquite, porque havia se encharcado.

Fiquei olhando para ela e simplesmente *soube* que aquele era um presságio muito ruim.

Outono de 1944

Eu gostava de quando o verão ia se desvanecendo no longo e inerte inverno. A névoa começava a pairar sobre as copas das árvores como enormes teias de aranha e o ar tinha um cheiro amadeirado e intenso de fermentação (eu tinha aprendido essa palavra havia pouco tempo, quando fui visitar a cervejaria local em um passeio da escola e vi o lúpulo sendo transformado em cerveja). Mamãe dizia que achava o clima inglês depressivo, que queria viver em algum lugar ensolarado e quente o ano todo. Pessoalmente, eu achava que isso seria muito chato. Era empolgante observar o ciclo da natureza, as mãos mágicas e invisíveis que transformavam as folhas verde-esmeralda das bétulas em uma cor de bronze luminosa. Ou talvez eu só levasse uma vida muito monótona.

E *tinha* ficado monótona desde a partida de papai. Não houve mais festas nem pessoas vindo nos visitar, a não ser o tio Ralph, que aparecia bastante, com flores e cigarros franceses para mamãe e, às vezes, chocolate para mim. Pelo menos a monotonia foi quebrada com a viagem que fazíamos todo agosto até a Cornualha, para visitar vovó. Em geral mamãe ia comigo e

papai se juntava a nós durante alguns dias se conseguisse uma licença. Mas naquele ano mamãe anunciou que eu tinha idade suficiente para ir sozinha.

– É você que ela quer ver, Posy, não eu. Ela me odeia, sempre odiou.

Eu tinha certeza de que não era verdade, já que ninguém conseguiria odiar mamãe, com sua beleza e sua linda voz, mas acabei indo sozinha, com Daisy mal-humorada me acompanhando na longa viagem de ida e volta.

Vovó morava perto de uma cidadezinha chamada Blisland, aninhada na fronteira oeste de Bodmin Moor. Apesar de sua casa ser bem grande e imponente, as paredes cinza e a mobília pesada e escura sempre me pareciam meio soturnas em comparação com os cômodos cheios de luz da Admiral House. Pelo menos era divertido explorar o lado de fora. Quando papai ia, nós caminhávamos até a charneca para pegar amostras das urzes e das lindas flores selvagens que cresciam no meio dos tojos.

Infelizmente, papai não estava lá daquela vez e choveu todos os dias, o que significava que eu não podia ir lá fora. Durante as tardes longas e úmidas, vovó me ensinou a jogar paciência e nós comemos um bocado de bolo, mas fiquei bem feliz quando veio a hora de partir. Quando chegamos em casa, Daisy e eu descemos da charrete que Benson, nosso jardineiro de meio período (que provavelmente tinha 100 anos de idade), às vezes usava para pegar as pessoas na estação de trem. Deixei Benson e Daisy levarem as malas para dentro e corri para a casa, procurando mamãe. Dava para ouvir “Blue Moon” tocando no gramofone da sala de estar. Encontrei mamãe e o tio Ralph dançando juntos.

– Posy! – exclamou ela, deixando os braços do tio Ralph e vindo me abraçar. – Não ouvimos você chegar.

– Deve ter sido por causa da música alta, mãe – respondi, pensando em como ela parecia bonita e feliz, com suas bochechas coradas e o belo cabelo comprido que tinha se soltado da presilha e cascadeava, dourado, pelas costas.

– Estávamos comemorando, Posy – disse o tio Ralph. – Chegaram mais notícias boas da França. Parece que os alemães vão se render e que finalmente a guerra vai acabar.

– Ah, que bom. Quer dizer que papai vai voltar logo para casa?

– É.

Houve uma pausa antes que mamãe me mandasse ir para o quarto lavar o rosto e trocar de roupa depois da longa viagem. Enquanto fazia isso, torci de verdade para que o tio Ralph estivesse certo e papai *voltasse* logo para

casa. Desde que os noticiários do rádio começaram a falar sobre o triunfo do Dia D, eu vivia esperando vê-lo. Isso já fazia três meses e ele ainda não tinha voltado, apesar de mamãe ter ido visitá-lo quando papai obteve uma curta licença, porque era mais fácil. Quando eu perguntei por que ele ainda não estava em casa, já que tínhamos quase vencido a guerra, ela deu de ombros.

– Ele está muito ocupado, Posy, e vai chegar quando chegar.

– Como você sabe que ele está bem? Ele escreveu?

– *Oui, chérie*, ele escreveu. Tenha paciência. As guerras demoram muito para acabar.



A escassez de comida estava pior do que nunca e só restavam duas galinhas, que não tiveram o pescoço torcido porque eram as melhores produtoras de ovos. Mas até elas pareciam meio fracas, apesar de eu conversar com as duas todo dia – Benson falava que galinhas felizes produzem mais ovos. Minha conversa não estava dando certo: nem Ethel nem Ruby haviam colocado um ovo em cinco dias.

– Cadê você, papai? – eu perguntava ao céu, pensando em como seria maravilhoso se de repente visse um Spitfire por entre as nuvens e papai surgisse, descendo para pousar no gramado amplo.

Novembro chegou e eu passava todas as tardes depois da escola procurando no mato baixo e encharcado alguns gravetos para o fogo que mamãe e eu acendíamos à noite na sala matinal, que era muito menor, mais fácil para aquecer do que a grande sala de estar.

– Posy, andei pensando no Natal – disse mamãe certa noite.

– Talvez até lá papai já esteja em casa, e a gente passe o Natal juntos.

– Não, ele não vai estar em casa. E eu fui convidada para comemorar em Londres com meus amigos. Claro, seria entediante para você ficar entre tantos adultos, por isso escrevi para a sua avó e ela está disposta a recebê-la.

– Mas eu...

– Posy, por favor, entenda que não podemos ficar aqui. A casa está gelada, não temos carvão para as lareiras...

– Mas nós temos lenha e...

– Não temos comida, Posy! Sua avó perdeu os empregados recentemente e está disposta a receber Daisy também, enquanto procura uma substituta.

Mordi o lábio, à beira das lágrimas.

– E se papai chegar e a gente não estiver aqui?

– Vou escrever para ele contando.

– Ele pode não receber a carta. Além disso, eu prefiro ficar aqui, com fome, a passar o Natal na casa da vovó! Eu a amo, mas ela é velha e a casa não é minha, e...

– Chega! Já decidi. Lembre, Posy, que nós temos que fazer o que for preciso para sobreviver aos últimos meses desta guerra brutal. Pelo menos você vai estar aquecida e em segurança, com a barriga cheia. Melhor do que muitas pessoas em todo o mundo, que estão passando fome ou mesmo mortas.

Eu nunca tinha visto mamãe com tanta raiva. Assim, apesar de haver uma torrente de lágrimas esperando para ser derramada, fazendo meus olhos arderem, engoli em seco e assenti.

– Está bem, mãe.

Depois disso, mamãe pareceu se animar, apesar de Daisy e eu ficarmos andando pela casa feito espectros pálidos condenados pelo resto da existência.

– Eu não iria se tivesse opção – resmungou Daisy, ajudando a preparar minha mala. – Mas a patroa disse que não tem dinheiro para me pagar, então o que posso fazer? Não dá para viver de brisa, não é?

– Tudo vai melhorar quando a guerra acabar e papai voltar para casa – falei, me consolando também.

– Bom, não tem como piorar. As coisas estão bem ruins aqui, isso é certo – disse Daisy em um tom sombrio. – Acho que ela está nos tirando do caminho para poder...

– Poder o quê?

– Deixe para lá, mocinha, mas quanto antes seu pai voltar para casa, melhor.



Enquanto a casa era fechada para o mês seguinte, Daisy trabalhou limpando cada centímetro.

– Por que você está limpando se ninguém vai estar aqui? – perguntei.

– Chega de perguntas, Srta. Posy. Em vez disso, me ajude.

Ela pegou uma pilha de lençóis, sacudindo-os para se abrirem como se fossem grandes velas brancas. Juntas, nós os colocamos sobre todos os

móveis dos 26 cômodos da casa, até parecer que uma enorme família de fantasmas tinha se mudado para lá.

Assim que começaram as férias escolares, peguei meus lápis de cor e o bloco de papel branco e desenhei o que pude encontrar no jardim. Era difícil porque tudo estava morto. Em um dia gelado de dezembro levei minha lente de aumento. Ainda não tinha nevado, mas uma geada brilhante cobria todos os arbustos de azevinho, e eu tirei as luvas para segurar a lente e ver direito os ramos. Papai tinha me dito exatamente onde procurar as pupas da borboleta-azul-celeste.

Enquanto fazia isso, vi a porta do Torreão se abrir e Daisy sair de lá com o rosto vermelho e os braços cheios de materiais de limpeza.

– Srta. Posy, o que está fazendo aqui fora sem as luvas? Calce-as, senão suas mãos vão congelar e seus dedos vão cair.

Ela foi em direção à casa e eu olhei para a porta do Torreão, que não tinha se fechado totalmente. Antes que pudesse pensar direito, entrei e a porta se fechou com um rangido.

Estava muito escuro, mas logo meus olhos se acostumaram e eu pude ver as formas dos tacos de críquete e de croquet que papai guardava ali, além do armário de armas, trancado, que ele me avisara para jamais abrir. Olhei para a escada que levava à sala de papai e fiquei imóvel, em uma indecisão agonizante. Se Daisy tinha deixado a porta de baixo destrancada, talvez a da sala particular de papai estivesse aberta também. Eu queria tanto olhar lá dentro...

Por fim, a curiosidade venceu e eu subi rapidamente a escada em caracol, antes que Daisy voltasse. Quando cheguei lá, pus a mão na maçaneta da grande porta de carvalho e girei. Realmente Daisy não a havia trancado, porque ela se abriu, e em um passo eu estava no escritório secreto de papai.

O lugar cheirava a cera de assoalho e a luz clareava as paredes circulares ao redor das janelas que Daisy tinha acabado de limpar. Na parede logo à minha frente estava pendurada o que devia ser toda uma família de borboletas almirante-vermelho. Estavam arrumadas em fileiras de quatro, atrás de um vidro com moldura dourada.

Quando me aproximei, fiquei confusa pensando em como as borboletas podiam ficar tão imóveis e o que elas teriam encontrado para comer dentro da prisão de vidro.

Então vi a cabeça dos alfinetes que as prendiam à placa. Olhei para as outras paredes e vi que também estavam cobertas com as borboletas que tínhamos capturado ao longo dos anos.

Com um gemido de horror eu me virei, desci correndo a escada e saí no jardim. Ao ver Daisy vindo da casa, dei meia-volta e corri por trás do Torreão, em direção à floresta que o cercava. Quando já estava bem longe, me deixei cair sentada nas raízes de um grande carvalho, ofegante.

– Elas estão mortas! Elas estão mortas! Elas estão mortas! Como ele pôde mentir para mim? – gritei entre soluços.

Fiquei muito tempo na floresta, até que ouvi Daisy me chamar. Só queria poder perguntar a papai por que ele tinha matado aquelas borboletas tão lindas e depois pendurado todas como troféus, para poder olhá-las e vê-las mortas nas paredes.

Bom, eu não podia perguntar porque ele não estava ali, mas precisava confiar que havia um motivo muito bom para aqueles assassinatos no nosso reino das borboletas.

Enquanto me levantava e voltava lentamente para casa, não consegui pensar em nenhum motivo. Só sabia que nunca mais queria pôr os pés no Torreão.

CONHEÇA OS LIVROS DE LUCINDA RILEY

A garota italiana
A árvore dos anjos
O segredo de Helena
A casa das orquídeas
A carta secreta
A garota do penhasco
A sala das borboletas

SÉRIE AS SETE IRMÃS

As Sete Irmãs
A irmã da tempestade
A irmã da sombra
A irmã da pérola
A irmã da lua

Para saber mais sobre os títulos e autores da Editora Arqueiro,
visite o nosso site. Além de informações sobre os
próximos lançamentos, você terá acesso a conteúdos exclusivos
e poderá participar de promoções e sorteios.

editoraarqueiro.com.br

